



# UMA PREGAÇÃO PENTECOSTAL

## A PREACHING PENTECOSTAL

### **Júlio César Tavares Dias**

Licenciado em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE) e graduando em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: [juliocesartdias@hotmail.com](mailto:juliocesartdias@hotmail.com)

### **Érica Carvalho da Silva**

Licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE).

E-mail: [ericazinhazinha@hotmail.com](mailto:ericazinhazinha@hotmail.com)

## RESUMO

---

Neste artigo analisa-se um gênero específico, o sermão ou pregação evangélica. Para compreender o discurso pentecostal utiliza-se o sermão “Vencendo tentações”, do pastor Silas Malafaia, proferido na Igreja Assembleia de Deus da Penha e veiculado em DVD ou CD. A intenção é verificar como um pastor pentecostal, amplamente conceituado em seu meio religioso, estrutura sua pregação para adequá-la ao *medium* que utiliza (a televisão) e aos seus ouvintes.

## PALAVRAS-CHAVE

---

Discurso; Religiosidade; Pentecostalismo; Pregação; Gênero.

## ABSTRACT

---

This article's purpose is analysis of a specific genre: evangelical sermon. We seek a comprehension about the Pentecostal speech, through analysis of a sermon of Silas Malafaia, entitled “Winning temptations”, proffered in Assembleia de Deus of the Penha Church and transmitted by CD or DVD. Our intention is to see how a Pentecostal minister structures his sermon to suit to medium (television) and to his audience.

Speech; Religious practice; Pentecostalism; Sermon; Genre.

## 1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento numérico do povo evangélico-protestante<sup>1</sup>, a hegemonia católica foi ameaçada, assim, a cultura brasileira, sempre ligada ao romanismo, tende a sofrer mudanças com a presença influente desse outro discurso religioso que ganha cada vez mais adeptos. Entender esse outro discurso religioso paralelo e ora contrastante com o discurso católico é necessário para compreender a efervescência religiosa por que, à semelhança de outros países sul-americanos, passa o Brasil.

Com base diferente de praticamente todas as religiões do mundo, o cristianismo é uma religião de pregadores e não de sacerdotes. Somente o judaísmo se assemelha, em alguns aspectos, à pregação, pois tem os seus profetas, e, nas sinagogas, há o estudo das Escrituras quando qualquer membro pode comentar um texto da Torá<sup>2</sup> ou dos profetas<sup>3</sup>. Mas, no cristianismo dos primeiros tempos, é diferente, já que a pregação é tratada como o auge do culto, sendo proferida como última parte, como se todo culto para ela convergisse.

Já no catolicismo, o ponto máximo da missa é a eucaristia, embora ao sermão seja dado também grande valor. No seio evangélico, a pregação tem lugar ainda mais privilegiado. A Reforma Protestante foi, em grande parte, um movimento de

---

<sup>1</sup> De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresentados no jornal *Folha de Pernambuco*, de 16 de novembro de 2008, existem 45 milhões de evangélicos no país. Conforme a *Folha de S. Paulo*, “os evangélicos cresceram 8% ao ano na década de 1990, enquanto os católicos tiveram um aumento anual de apenas 0,3%” (cf. FOLHAONLINE, 10.7.2002).

<sup>2</sup> Torá, ou Pentateuco, ou ainda Livro da Lei ou Lei de Moisés, são os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada que, conforme se acredita, foram escritos por Moisés. Os cinco, na ordem em que aparecem nas Escrituras, são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; são eles a base do judaísmo.

<sup>3</sup> A Bíblia Hebraica divide-se em Lei de Moisés, Profetas e Escritos. Os profetas anteriores são os livros de Josué, Juízes, 1-2 Samuel, 1-2 Reis. Os profetas posteriores são Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

retomada à pregação, principalmente à pregação expositiva. Da mesma forma, todos os chamados avivamentos, tão celebrados no meio evangélico, constituíram-se com base em uma ênfase maior dada à pregação. Assim, na história evangélica, registram-se vários nomes que se tornaram célebres por seu “ministério da pregação”, como D. L. Moody e Billy Graham.

Entre os evangélicos, de forma geral, outro ponto a destacar é a participação que os leigos podem fazer do “ministério da palavra”. Isso advém da crença da Reforma no “sacerdócio universal”, ou seja, cada cristão tem acesso livre e direto a Deus, tendo de Ele algo a ministrar aos demais cristãos. Assim, a Reforma prioriza primeiramente o indivíduo para o indivíduo partir para comunidade. O próprio Lutero comenta sobre esse ponto:

O sacerdócio universal, portanto, não é exercido adequadamente nem na repetição mecânica de passagens bíblicas nem na interpretação individual arbitrária, mas num *empenho comunitário* e diversificado em torno da palavra bíblica, em que seu sentido se vai descortinando (apud MIRANDA, 2006, p. 120, grifo nosso).

O que ocorre com mais frequência é os pentecostais tomarem uso da palavra nos seus cultos, o que acontece pelo fato de esses cultos estarem menos presos a uma liturgia previamente pensada. Nesses cultos, em vez de haver apenas uma preleção, há várias; praticamente todos que tomam parte no culto têm que deixar uma “palavra”. Além desse fator intrínseco ao culto, há um fator social: ainda se constitui o povo pentecostal na sua maioria de pessoas das classes mais baixas da sociedade. Ao tomar parte no culto se pronunciando, o pentecostal vê então uma forma de alcançar prestígio perante a comunidade religiosa, prestígio que não encontra fora dela.

Tão vinculado está o povo evangélico ao denominado “ministério da palavra” que se torna difícil entendê-lo senão a partir daí. É comum, inclusive, os evangélicos organizarem caravanas para assistirem às pregações de alguns pregadores de prestígio entre eles. Além disso, organizam-se conferências, cruzadas, simpósios etc. Praticamente, a vivência religiosa evangélica é a vivência da prática da pregação.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO PENTECOSTAL

---

O termo “pentecostal”, *etimologicamente*, refere-se à experiência vivenciada pelos primeiros cristãos cinquenta dias após a morte de Jesus Cristo e dez dias após sua ascensão aos céus, quando, durante a festa judaica do Pentecostes<sup>4</sup>, Deus enviou seu Espírito Santo. Muitos teólogos cristãos consideram esse evento o surgimento da Igreja Cristã. Portanto, trata-se da hierofania fundante do cristianismo. Os pentecostais arrogam para si a participação da experiência registrada na Bíblia, em Atos 2. É difícil convencer, porém, que a experiência registrada nesse texto bíblico e a vivenciada nos arraiais do pentecostalismo sejam as mesmas.

O que aqui entendemos sobre o evento de Pentecostes como registrado na Bíblia é que, assim como a ressurreição serviu para atestar a justiça de Jesus Cristo e a eficácia de seu sacrifício, o Pentecostes serviu para testificar da glorificação e da sua coroação nos céus. Pretender repetir a experiência do Pentecostes deve ser visto, então, como tão pouco plausível quanto esperar a repetição da Ressurreição.

Surgido do movimento de “santidade”, que deve muito ao conceito de perfeição cristã de Wesley<sup>5</sup>, o pentecostalismo cresceu bastante agregando a esmagadora maioria do povo evangélico brasileiro. O ponto de partida do movimento pentecostal foi uma igreja metodista da Rua Azuza, em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1906. No interior daquele templo, reuniam-se evangélicos, na sua maioria negra, para longas noites de oração, buscando a santificação ocasionada pelo Espírito Santo. Numa dessas reuniões, um negro falou em lín-

---

<sup>4</sup> A festa de Pentecostes é uma das três grandes festas anuais do judaísmo, ao lado das festas da Páscoa e dos Tabernáculos. A *Bíblia de estudo Almeida* (2000) assim se refere a esse verbete: “Festa judaica chamada também Festa da Colheita (Ex 23.16) e Festa das Semanas. Esse último nome se deve ao fato de ser celebrada sete semanas depois da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos. A palavra pentecostes, de origem grega, significa quinquagésimo: a festa acontecia cinquenta dias depois do oferecimento a Deus das primícias da colheita (Lv 23.9-14). Os escritos rabínicos a chamam de festa dos Cinquenta Dias”.

<sup>5</sup> John Wesley (1703-1791), fundador do metodismo.

guas estranhas<sup>6</sup>, e esse acontecimento chamou a atenção da imprensa local, pois foi interpretado como invasão da cultura africana na vivência dos Estados Unidos. Depois outras pessoas passaram pela mesma experiência.

Podemos interpretar o movimento pentecostal com base no conceito de “sagrado selvagem” de Roger Bastide (cf. MENDONÇA, 2004, p. 32). Para ele, o processo de institucionalização da religião é como que um aprisionamento do sagrado que o torna “frio”. Por isso, ocorrem, dentro das instituições religiosas, movimentos que tentam libertar/liberar o sagrado, tornando-o mais “quente”; essa liberação do sagrado é uma tentativa de vivenciar novamente a experiência fundante da religião, no caso do cristianismo, o evento de Pentecostes.

Semelhante à ideia de Bastide é a de Emile Durkheim, de que “a religião surge nos estados de efervescência social, em que o tempo sagrado interrompe o tempo profano das atividades sociais e econômicas” (MENDONÇA, 2004, p. 31). Perdida essa primeira efervescência, alguns tentam rebuscá-la, o que não é do agrado de todos, havendo então um impasse que gera dissidências.

Enquanto o catolicismo controla o sagrado de uma forma mais elástica, havendo poucos casos de dissidência, o protestantismo sempre pendeu para várias dissidências<sup>7</sup>. É que o protestantismo foi sempre uma religião muito racionalizada e, por isso, nunca foi uma religião das massas, assim, como afirma Alexandre Rocha (2003, p. 78), “o movimento pentecostal floresce exatamente onde as denominações históricas falham. A negação da dimensão emocional, a incompetência no trato com as diferenças e o afastamento dos pobres geraram o ambiente perfeito para o crescimento do pentecostalismo.”

Não podemos, então, considerar o pentecostalismo um tipo de protestantismo<sup>8</sup>. A diferença entre a prática e a ideologia

---

<sup>6</sup> As “línguas estranhas”, ou glossolalia, é um fenômeno ocorrido nos arraiais pentecostais, mas não somente neles, quando uma pessoa em êxtase faz uma vocalização cuja interpretação dada pelos pentecostais é de ser uma manifestação do Espírito Santo como a que mencionamos estar registrada no livro de Atos.

<sup>7</sup> Marca disso é que existem hoje três mil denominações neoevangélicas no país, e apenas a Batista tem cerca de 20 correntes distintas (cf. *Folha de Pernambuco*, 16.11.2008).

<sup>8</sup> Cumpre aqui lembrar que não se deve tratar também evangelicalismo e protestantismo como sendo a mesma coisa, a despeito de vários traços que mantenham em comum. O Rev. Luiz Roberto dos Santos, professor e coordenador de teologia do Seminário Teológico Batista de Niterói, comenta essa

protestante e a pentecostal é grande. A diferença fundamental entre um e outro é sobre o Pentecostes. Para os pentecostais, o Pentecostes se repete infinita e frequentemente pelo derramamento do Espírito Santo (ou batismo com o Espírito Santo, expressão, inclusive, mais popular entre eles) e pela concessão que este faz de dons espirituais. Em outras palavras, Deus continua sempre a enviar os mesmos dons espirituais vistos na Igreja Primitiva a cristãos de todas as épocas. Difícil entender, porém, por que não é isso que vemos durante a história da Igreja. Seriam todos os crentes de outras épocas menos crentes do que estes que participam do movimento pentecostal e que declaram usufruírem desses dons? Já para os protestantes, o Pentecostes não se repete porque o Espírito já veio segundo a promessa de Deus Pai e de Deus Filho, e ficou com a Igreja, mantendo-a e renovando-a sempre.

Sendo assim, numa época em que se prioriza a emoção em detrimento da razão, o pentecostalismo tende a crescer – e tem crescido – a grandes proporções<sup>9</sup>.

### 3. O DISCURSO E O DISCURSO EVANGÉLICO

---

Com o reconhecimento de que a linguagem é atravessada por entradas subjetivas e sociais, um deslocamento ocorreu nos estudos linguísticos que até então estavam balizados na oposição língua/fala. Uma compreensão da linguagem que não se centre apenas na língua, como ideologicamente neutra, é buscada. Para essa nova compreensão, não basta a dicotomia *langue/parole* saussuriana. Passa-se, assim, dessa dicotomia para uma outra instância: o discurso (BRANDÃO, 2002, p. 11-12). O discurso se constitui pela relação do falante com o ouvinte; dessa forma, é um fenômeno interativo por estar sempre relacionado com EU ⇔ VOCÊ. O discurso é, porém, mono-

---

diferença: “Os evangélicos não são representantes e herdeiros da Reforma, mas carregamos em nossa história as marcas desse movimento” (apud MIRANDA, 2006, p. 61).

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, as considerações que faz Rolim (1987, p. 65-68) sobre o crescimento dos pentecostais no Brasil.

logal: o EU institui uma segunda pessoa e acredita que o TU age de maneira responsiva. Em razão disso, o locutor adapta seu discurso ao TU constituído (seu interlocutor), tornando-o seu coenunciador. Entendendo assim, a noção de sujeito é construída na alteridade, isto é, a partir do par EU ↔ TU, e não na transcendência do EGO: “O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos é, portanto, o discurso” (BRANDÃO, 2002, p. 12). Ou seja, a linguagem não é neutra nem inocente, não se constitui como mero instrumento de comunicação, mas é interação, modo de produção social e de se efetivarem as relações de poder, sendo, assim, âmbito privilegiado para que a ideologia se manifeste.

Orlandi (1996, p. 242) trata “o discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus”. O discurso evangélico é então uma tipologia dentro do discurso religioso, consolidando-se sobre um texto fundador (a Bíblia Sagrada) que lhe dá autoridade, articula-se fazendo distinção entre o sagrado e o profano. As religiões pautadas em um texto fundador podem experimentar reavaliações de sua prática pela revisão dele. O objetivo claro do discurso evangélico será levar o seu interlocutor a afastar-se do profano e apegar-se ao sagrado. Apresenta esse discurso expressões marcadas e sintagmas cristalizados, criando a linguagem que Jerry Key (2001, p. 54) considera o “latim protestante”, “código espiritual”, “jargão evangélico” ou “linguagem de São”. Muitas dessas expressões têm origem bíblica, como “amém”, “aleluia”, “glória a Deus”, expressões que demonstram o apoio da assembleia às colocações do pregador; saudações como “paz do Senhor”, “graça e paz”, por vezes, mostrando, nessa saudação inicial, um tratamento diferenciado entre os que pertencem à religião evangélica e os que não pertencem, é o caso quando se diz “A paz do Senhor aos irmãos e uma boa noite aos nossos convidados”. Ora, esse tipo de saudação não apenas considera a diferença entre fiéis evangélicos e os demais, como também a necessidade de estes também se tornarem “irmãos”; e mesmo a forma de terminar a prédica dizendo “Que Deus nos abençoe!”, ou um simples “Amém!” ou “Assim seja”, ou num imperativo, “Oremos”.

## 4. “VENCENDO TENTAÇÕES”: UM SERMÃO DE CUNHO PENTECOSTAL

---

Silas Malafaia é psicólogo, conferencista internacional, professor de Teologia nas cadeiras de Evangelismo Pessoal e Síntese do Antigo Testamento, vice-presidente do Conselho Internacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb), pastor da Igreja Assembleia de Deus da Penha, no Rio de Janeiro, e possui um dos mais antigos programas evangélicos na TV, veiculado nas manhãs de sábado pela RedeTV!. Assim, sua fala deve adequar-se a esse *midium* e não apenas à igreja em que prega.

A Assembleia de Deus é a segunda mais antiga denominação pentecostal do Brasil<sup>10</sup>, foi fundada pelos missionários sueco-americanos Daniel Berg e Gunnar Vingren, após provocarem uma cisão na Igreja Batista em Belém do Pará. Fundada em 1911, tem hoje templos em todo território nacional. Sua expansão se deve em muito às migrações de trabalhadores do Norte para o Sudeste do país em busca de melhoria de vida. Como toda religião dissidente, começou com uma “linguagem de ruptura”, dando grande ênfase a certa ascese espiritual de jejuns e orações prolongadas, além de uma vigilância extremada para com o vestuário de seus membros, querendo diferenciar os seus dos demais religiosos. Esse tipo de ascese denomina-se “ascetismo ativo”, “já que seus membros não se retiram para conventos, mas vivem uma vida intramundana regida por uma ética puritana particularmente estrita” (AUBRÉE, 1995, p. 157). Hoje, senão a ênfase mantida na posse do Espírito Santo e certa liberação emocional em seus longos períodos de orações, pouco se distancia a Assembleia de Deus das igrejas tradicionais.

Neste artigo, já se mencionaram as frequentes divisões que ocorrem no meio evangélico e principalmente entre os pentecostais. Conforme Gramsci, qualquer religião constitui-se de muitas religiões distintas, muitas vezes contraditórias

---

<sup>10</sup> A primeira mais antiga é a Congregação Cristã no Brasil, fundada em 1910 por Luigi Francescon, no bairro italiano do Brás, na capital paulista. Outras igrejas pentecostais: Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada no final da década de 1940, na cidade de São João da Boa Vista (SP); Igreja O Brasil Para Cristo, fundada por Manuel Melo, no bairro da Lapa, capital paulista; Igreja Deus é Amor, fundada pelo missionário Davi Miranda. Consideramos essas igrejas as mais representativas.

(apud ORLANDI, 1996, p. 248). Vimos também como o catolicismo e protestantismo tratam disso. No pentecostalismo, essas divisões podem ocorrer de duas formas: 1. divisões de ordem doutrinária e ideológica que geram novas denominações e 2. divisões por dissensões quanto a questões de organização eclesial que geram os chamados “ministérios”; esse é o caso da Assembleia de Deus da Penha, que pertence ao ministério de Madureira, um tanto menos rígido que outros ministérios da Assembleia de Deus.

A pregação é em todo um gênero específico, sendo proferida normalmente num lugar específico (templo), ainda que possa ocorrer em outros ambientes, principalmente entre os evangélicos; numa ocasião específica (culto), com conteúdo e objetivo específico e, normalmente, por um indivíduo em particular, o líder religioso, ainda que os leigos também possam proferi-la, como já mencionado. Jerry Key (2001, p. 36) assim define a pregação bíblica:

*A pregação é a fiel exposição do sentido correto de um ou mais textos da Bíblia, ilustrando a exposição e aplicando-a a [sic] vida dos ouvintes, envolvendo-os de tal maneira que são satisfeitas suas necessidades, sendo que esta comunicação é feita por uma pessoa com uma experiência real com Cristo e guiada pelo Espírito Santo.*

Aqui cumpre, porém, encarar o sermão “como qualquer discurso, percebido como uma forma social de apropriação da linguagem, na qual o sujeito do enunciado tem a ilusão de estar na origem do que foi dito, mas é interpelado pela ideologia” (SETZER, 1987, p. 92).

O discurso evangélico deve ser entendido como uma categoria de discurso constituinte, conceito visto em Maingueneau e Cossuta (cf. BARBOSA, 2002, p. 2), uma vez que se baseia num discurso fundador: a Bíblia Sagrada. Podemos entender discurso constituinte como aquele em que “As palavras se sobrepõem sobre outras que se sobrepõem a todas as outras” e “não se faz e nem se apóia em elementos de outras categorias discursivas para se instituir, visto que possui um caráter próprio de verdade” (BARBOSA, 2002, p. 3). Assim, é esse um gênero basicamente expositivo: o pregador lê um texto (uma passagem, no dizer evangélico) da Bíblia e, com base nele, faz as suas considerações, tentando aplicar os ensina-

mentos do texto às situações vividas por seus ouvintes. O pregador não pode afastar-se de forma alguma desse discurso fundante, pois “o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la de forma alguma” (ORLANDI, 1996, p. 245). Característico desse discurso é a intertextualidade, uma vez que sempre é um texto que faz referência a outros textos: “Assim, podemos definir o discurso teológico como discurso sobre outro discurso. [...] Aparece como um ‘comentário’ ao texto de origem” (ORLANDI, 1996, p. 259).

O sermão ora analisado parte da leitura do trecho bíblico do Evangelho Segundo Mateus que se refere à tentação que sofreu Jesus, no deserto, após seu batismo e ao iniciar seu ministério (Mat. 4:1-11). O pregador tem, partindo desse trecho, um tema a desenvolver e o faz com base no que o texto expõe e no que a Bíblia ensina sobre a tentação em outros textos. O pregador cita, por exemplo, um trecho da Epístola de Tiago (4:7), que nos sugere algo sobre o mesmo tema como podemos ver no trecho:

Não precisa pedir perdão porque está sendo tentado. A Bíblia mostra onde é que começa o pecado, Tiago (1:14, 15): “Cada um é tentado quando é atraído e envolvido pela sua própria cobiça, havendo a cobiça concebido, dá luz ao pecado, o pecado sendo consumado gera morte”. O texto mostra, cada um é tentado quando atraído.

Tradicionalmente, há três tipos de sermão: textual, expositivo e temático ou de tópicos. Jerry Key (2001) critica a noção de sermão textual para ficar apenas com o expositivo e aquele de tópicos. No sermão do pastor Malafaia, esses dois tipos se mesclam, uma vez que, começando do texto e dele tirando boa parte do corpo da mensagem, nem sempre se mantém atrelado a ele.

O discurso evangélico deve ser entendido ainda como um discurso propagandístico que, como P. Charaudeau definiu, são aqueles que “têm por finalidade a persuasão e a sedução do outro para um fazer-fazer na sociedade, isto é, um sujeito comunicante na posição de benfeitor endereça-se a um sujeito interpretante na posição de beneficiário agindo sobre ele para que realize uma ação” (BARBOSA, 2002, p. 2). Discurso eminentemente proselitista, a pregação evangélica conclui-se normalmente com um apelo para “aceitar Jesus”, quando se dirige aos que não pertencem à comunidade evangélica

– Key (2001, p. 224) faz remontar esse costume aos tempos bíblicos – aliás, o objetivo básico da pregação é despertar a fé. Quando se dirige à própria comunidade evangélica, a pregação tem o objetivo de exortar a viver de acordo com essa fé. Orlandi (1996, p. 250) nos lembra de que, “como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus”. Logo, deve-se viver de forma agradecida a essa graça; no sermão em questão, viver condignamente com a fé recebida é não ceder às tentações contrárias a ela.

O interessante no discurso de Malafaia é a crítica que faz ao próprio meio evangélico com as frases iniciadas por “nosso meio”. Em um momento de sua prédica, como podemos ver a seguir, cita Freud para comentar um comportamento observado entre alguns evangélicos:

Tem gente, nosso meio, que quer mostrar que é muito santo, está incubando alguma coisa que ninguém sabe. Nessa Freud tem razão. Mecanismo de defesa do psiquismo humano, ele quer mostrar alguma coisa que ele tem muita deficiência.

Além disso, algumas de suas atitudes beiram o lúdico, ou mesmo o ridículo, como na crítica que faz às chamadas “caixinhas de promessas”, trazendo ao púlpito uma caixinha com as advertências severas encontradas na Bíblia. Assim, ridicularizando uma prática, condena-a, como pode ser visto a seguir no trecho transcrito de sua pregação:

Tem muita gente viciada na cartomancia evangélica, se vai trocar de carro, caixinha de promessas. “Vamos ver o que o Senhor vai dizer.” Vai trocar de casa, caixinha de promessas “vamos ver o que é que o Senhor vai falar”. Aí reúne a família de noite, na hora de dormir, aí o cara chama o filho: “Joãozinho, vem cá, meu filho! Tire uma palavra para alimentar a nossa alma!”. Aí o moleque vem... “uni-dune-tê-salamê-minguê, um sorvete colorido pra você”. “Ah, Joãozinho, que lindo! Felipenses (4:13): ‘Posso todas as coisas naquele que me fortalece.’ Esse menino! Agora é a sua vez, querida esposa! Vem! Oh, querida, você tirou o texto áureo dos crentes, quase que é o texto áureo Salmo (23:1): ‘O Senhor é o meu pastor e nada me faltará!’”.

De tanto eu falar isso, Jabes, o irmão da minha igreja fez uma... (caixinha com mensagens bíblicas de repressão) está aqui, eu

queria ver quem é que ia comprar uma caixinha só de supapo, por exemplo (pega um papel da caixinha): “Até quando andará errante, ó filha rebelde!” (risos). “Porque o Senhor criou coisa nova na Terra, a mulher virá para requestá o homem!” Jeremias (31:32) [sic].

Eu quero ver quem compra. Eu ri tanto quando o irmão da minha igreja disse assim: “pastor, eu vi tanto o senhor pregar essa mensagem, aí eu resolvi fazer uma só de pancada”. Aí ninguém quer, porque vai dizer que é do diabo. Só tem pancada. Sabe, irmãos? Você quer vencer o diabo? A Palavra.

Ele traz para a sua prédica problemas do relacionamento conjugal, tratando-os não só com naturalidade, como também com humor. O sagrado é tirado então do seu clima de forte austeridade, já que, para o cristão evangélico, a religião aparece bem mais próxima da vida cotidiana. Assim, não há distanciamento entre o discurso religioso e os problemas enfrentados pelos membros da comunidade evangélica. Ao contrário, é no discurso evangélico que se buscam forças para enfrentar esses problemas.

E a mulher... chegou a vez de vocês, estou falando que é pra gente fechar brechas nessa área. Qual é o sentido mais sensível no homem? A visão. Irmã dá uma guaribadazinha de vez em quando! Porque tem irmã, com todo respeito, se a casa tiver tapete e vassoura e janela aberta... vai sair voando, é porque pra bruxa não falta nada, tem que fechar a janela senão...

Esse discurso se caracteriza pela informalidade e pelo uso de palavras para muitos impróprias a quem prega uma palavra sagrada. Orlandi (1996, p. 243) caracteriza o “discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus” confundida na voz de seu representante. Há, então, um distanciamento entre locutor e ouvinte: o locutor (Deus) pertence ao plano espiritual, e o ouvinte (homem), ao plano temporal. Surge um impasse quanto à figura do pregador, pois, ainda que represente o plano espiritual, pertence ao temporal<sup>11</sup>. Ora, como a voz do pregador é a voz de Deus, é natural que haja um senti-

---

<sup>11</sup> Sobre o pregador, Jerry Key (2001, p. 37) afirma: “[...] o agente da pregação é uma pessoa com experiência real com Cristo e guiada pelo Espírito Santo”.

mento de distância entre pregador e ouvintes. Na Igreja Católica, a base desse distanciamento é a hierarquia clerical, pois é dela que advém a autoridade de quem fala. No seio pentecostalista, seria a presença de dons espirituais<sup>12</sup>. O chamado dom de línguas aparece como um fenômeno autenticador de certa espiritualidade cultivada pelo indivíduo, o momento em que se recebe esse dom é chamado nas igrejas pentecostais de batismo com o Espírito Santo<sup>13</sup>. Porém, aqui, o distanciamento entre o pregador e o povo é minorizado não só pelo vocabulário que ele usa, mas também porque se coloca no mesmo patamar deles: sujeito às tentações. Essa aproximação entre pregador e os demais membros da comunidade é que torna a preleção atrativa, o povo se identifica com o pregador e este com o povo.

O uso do gerúndio que faz no tema da preleção mostra a consciência de que não se trata da vida cristã de ações automáticas que resolvam definitivamente os problemas, mas de um processo contínuo. O pentecostal entende a vida como uma espécie de batalha em que quer agradar a Deus e alcançar as bênçãos dele, enquanto forças extrínsecas a ele (as forças demoníacas) tentam-no impedir. Na citação apresentada anteriormente, o pregador fala isso ao se referir a “fechar brechas”, expressão típica dos evangélicos proveniente, com certeza, de uma referência a Efésios (4:27): “Não deis lugar ao diabo”. A visão apresentada por Malafaia contraria um pouco essa visão clássica e estereotipada do seio pentecostalista. Conforme o que ele expõe com base em trechos bíblicos, o homem é tentado por causa de sua natureza e cede à tentação por sua própria vontade, não podendo transferir sua culpa para outrem: “A segunda consideração que eu quero fazer a respeito de tentação ou tentações, é que a tentação pertence à natureza do homem.

---

<sup>12</sup> Conforme John MacArthur: “Dentro do movimento carismático, há muita pressão em pertencer ao grupo, em ter o mesmo desempenho, em possuir os mesmos dons e poder que todos os demais possuem. A ‘resposta’ para os problemas espirituais é falar em línguas. É fácil ver porque as línguas tornam-se o denominador comum, o grande fim de tudo para todas as pessoas envolvidas”. E mais adiante: “As pessoas ouvem dizer que as línguas são uma forma de se ter uma experiência espiritual maravilhosa. Temem que se ainda não falaram em línguas, talvez lhes esteja faltando alguma coisa” (in *Que espécies de línguas estão sendo faladas hoje?*, disponível em: <[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)>, acesso em: 30 maio 2008).

<sup>13</sup> A leitura, porém, do capítulo 8º do livro de Atos, embora traga algumas dificuldades de interpretação, mostra que o batismo no Espírito Santo equivale a recebê-lo (Atos 8:15), o que, na experiência comum dos cristãos, ocorreria quando creem em Cristo (Efésios 1:13; cf. Atos 11:17).

I Coríntios (10:13), a primeira parte desse versículo diz: ‘Não vem tentação sobre vós senão humana’”.

E, mais adiante na sua prédica, simula a voz de um interlocutor dando a ilusão do diálogo: “‘Mas, pastor, por que eu caí? Por que eu pequei?’ Porque você quis, ninguém é tentado acima do seu limite. Então, por que caiu? Por que pecou? Por que deu vazão? Porque quis, porque você tem vontade e você toma suas decisões”.

Por suas críticas feitas ao próprio meio evangélico, seu vocabulário mais aproximado da linguagem coloquial e corriqueira, é o pastor Silas Malafaia alvo de algumas críticas e divide a opinião dos adeptos da própria Assembleia de Deus. Ao mesmo tempo que se aproxima duma linguagem mais corriqueira, aproxima-se também do que diz a ciência (lembra Freud num momento), na tentativa de tornar sua mensagem aceitável a pessoas de várias camadas sociais.

---

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, há uma tendência apontada no sermão analisado de buscar uma nova postura para o discurso evangélico. O sermão do pastor Silas Malafaia é sinal de uma tendência que se generaliza entre pentecostais, posto que ele seja um ícone entre eles, de uma modernização da prédica evangélica com o objetivo proselitista, mas não apenas este, que busca um novo discurso que fale ao povo das coisas do povo, do que o povo vivencia e das dificuldades que tem na sua vida religiosa, não mais ouvindo alguém falando baseado na sua posição hierarquial, mas sim na identificação que tem com os anseios e dilemas de seus ouvintes.

---

## REFERÊNCIAS

AUBRÉE, M. Especificidade da Iconoclastia entre Pentecostais Brasileiros. In: PITTA, D. P. R.; MELLO, R. M. C. (Org.). *Vertentes do Imaginário: arte, sexo e religião*. Recife: Editora da UFPE, 1995.

BARBOSA, D. M. da C. *Um certo discurso cristão evangélico nas eleições para a Presidência do Brasil*. 2002. Disponível em: <[www.ichs.ufop.br/memorial/trab/19\\_1.doc](http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/19_1.doc)>. Acesso em: 12 dez. 2007.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

KEY, J. S. *O preparo e a pregação do sermão*. Rio de Janeiro: Juerp, 2001.

MENDONÇA, A. G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 29-46, 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=)>. Acesso em: 27 out. 2007.

MIRANDA, V. (Org.). *Reforma: passado ou presente: o diálogo entre a igreja de hoje e os ideais do movimento reformador*. Rio de Janeiro: MK Editora, 2006.

ORLANDI, E. P. O discurso religioso. In: \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 239-262.

ROCHA, A. B. Surgimento e conseqüências do pentecostalismo. *Revista Compromisso*, Rio de Janeiro, Juerp, ano XII, n. 44, p. 76-80, jan./mar. 2003.

ROLIM, F. C. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros passos).

SETZER, R. Os homens estão criando um mundo que Deus não quer: contradição e conflito no discurso religioso. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.